

Desafios em tempo de esperança

» IBANEIS ROCHA
Governador do Distrito Federal

O medo que envenenou os últimos anos de todos nós ficou para trás. O ano que começa hoje chega com a esperança de que possamos viver um ciclo de paz, ainda que com desafios enormes que só vão ser superados com muito trabalho e união. A esperança alimenta a alma, mas é o trabalho que transforma nossos sonhos em realidade. O limiar do novo ano trouxe renovação de espírito. Agora é preciso cultivar a harmonia e o interesse comum para que os benefícios de um tempo de paz se transformem em prosperidade para todos.

Aqui no Distrito Federal, estamos prontos para unir forças e enfrentar problemas que afligem todos os brasileiros. Estamos livres da pandemia, mas a propagação da covid ainda exige cuidados e sequelas que precisam ser enfrentadas com a mesma coragem dedicada à fase mais aguda da doença. Também temos problemas de décadas que exigem empenho que, posso garantir, não vai faltar, além de questões que se impõem cotidianamente que demandam cuidado e atenção permanentes. E não há tempo a perder.

Começamos o ano — ainda este mês — com obras emblemáticas: a esperada reforma do Teatro Nacional, um monumento cultural fechado há nove anos, o programa Drenar, que vai resolver os problemas de alagamentos de várias superquadras do Plano Piloto e, em seguida, Taguatinga, e a substituição integral do pavimento da Via Estrutural, toda em concreto, entre outras obras.

Isso só é possível porque fizemos uma transição entre os mandatos, encerrando um ciclo, estudando os problemas enfrentados que ainda se refletem em várias obras e ações em todo o DF e planejando cuidadosamente o que poderemos fazer nesses próximos quatro anos. E foi feito um novo Plano de Governo.

A prioridade será a conclusão de obras importantes, principalmente nas áreas de mobilidade urbana, que sofreram atrasos por falta de alguns insumos nos mercados nacional e internacional — ainda consequência da pandemia. Estamos procurando compensar esses problemas com liberações em etapas, para que a comunidade possa usufruir dos benefícios antes mesmo das inaugurações.

As obras vão continuar. São necessárias em um DF que não vai parar de crescer e precisa ser organizado. Nosso projeto é ambicioso, com a criação de três eixos com pista exclusiva para ônibus (BRT), que vão beneficiar as pessoas que usam o transporte público, a construção



de mais 200 quilômetros de ciclovias, criando a maior malha do país, e de mais sete conjuntos de viadutos, entre outras obras. Também vamos ampliar a oferta de moradia para todas as classes sociais, com milhares de unidades em 22 localidades, além da criação de bairros, como forma de combater a grilagem de terras e oferecer residências com infraestrutura completa.

Mas o empenho maior neste novo mandato será na melhoria da nossa assistência da saúde pública e na proteção social. Na saúde, vamos continuar enfrentando o problema de infraestrutura deficitária que começou a ser atacado com a inauguração de mais sete UPAs, ampliação e construção de hospitais e inauguração de 10 unidades básicas de saúde, no primeiro mandato.

Nos próximos anos, vamos entregar mais hospitais, UPAs e UBSs, além de aumentar o número de Caps para a atenção à saúde mental. Vamos reformar e ampliar hospitais regionais e aumentar o programa de cirurgias eletivas em parceria com a rede privada. Tudo com equipes médicas completas. E as 605 equipes do programa de Atenção Primária serão ampliadas. Hoje, temos 68% de cobertura, queremos bem mais.

Para a área social, o objetivo é ampliar a rede

de restaurantes comunitários, com mais cinco unidades e aumentar o número de unidades de atendimento do Cras. O objetivo é continuar com a maior rede de proteção alimentar do Brasil à disposição da nossa população mais carente, mas preparando as pessoas para o mercado de trabalho, com o reforço dos programas profissionalizantes — incluindo aí duas escolas técnicas que estão quase prontas e outras quatro que vamos construir.

Ainda na área da educação, vamos continuar ampliando o acesso das crianças às creches, com a construção de mais centros de educação para a primeira infância e a ampliação do cartão creche. E a Universidade do Distrito Federal vai ganhar câmpus em Ceilândia e no Biotoc.

Serão quatro anos de muito trabalho em todas as regiões do DF. Quero trabalhar sem pensar em política partidária, trazendo para perto todas as pessoas que queiram contribuir com uma cidade melhor e alimentar um tempo de paz. Aproveito para, mais uma vez, agradecer a confiança que a população depositou no meu trabalho que resultou na reeleição ainda em primeiro turno. E eu posso garantir que o melhor ainda está por vir.

Similitudes entre o futebol, a arte, a inteligência artificial e o direito

» ROBERTA FERME SIVOLELLA
Juíza auxiliar da Corregedoria Nacional de Justiça.
Doutora em direito processual e pós doutoranda em direito público pela UERJ

Era apenas o início de 2022. Fragmentos de um dos calendários Maías havia sido encontrado em uma pirâmide na Guatemala. A descoberta foi classificada como impressionante em sua tecnologia de escrita e arte — apenas um spoiler do que estava por vir ao longo do ano.

Poucas semanas depois, a AlphaFold divulgava o Banco de Dados gerado pela Inteligência Artificial capaz de atingir, em 18 meses, tarefa inócua há 50 anos: analisar e catalogar mais de 200 milhões de proteínas para o diagnóstico de doenças e criação de medicamentos. A disponibilização dos dados a pesquisadores de todo o mundo integrava um componente democrático ao estigmatizado mundo dos algoritmos, em verdadeira mudança de seu “estado da arte” social.

A democracia também voltaria a Brasil a atenção do mundo no segundo semestre de 2022. À arte do futebol e da Copa, somavam-se as eleições e suas múltiplas manifestações sociais, necessárias ao reconhecimento e à redistribuição, como já diria Fraser. Doutra parte, a grande problemática das fake news traria sérias preocupações ao longo de todo ano, com a linha tênue entre a necessidade de limites à circulação de dados, e o temor de se criarem mecanismos de censura ou alienação. Mais uma vez, a inteligência artificial, por meio de sua tecnologia Blockchain, aliando o Big Data com a possibilidade de criptografia de dados, atuou como potencial segurança em face dos mass media e seus aparatos sinóticos.

Não demoraria muito, veio a percepção de que o “não-direito” e o limbo normativo poderiam levar a prejuízos indelévels a direitos fundamentais caríssimos aos nossos tempos. Incurções à LGPD, a elaboração de normas infralegais (vide o Provimento 135/2022 da Corregedoria Nacional de Justiça), além da construção de jurisprudência constitucional para os hard cases gerados por neófitas situações algorítmicas também fizeram a tônica deste ano. Prejuízos econômicos no atraente mercado das bitcoins demonstraram que o Direito deve atuar como partícipe e atento artesão, na elaboração do que aqui já foi denominado de estado da arte social.

Entre tréguas aos debates inflados proporcionadas pela arte da Copa do Mundo e à junção de povos historicamente oponentes no fair play do esporte, fomos espectadores de debates acerca dos limites da liberdade de expressão, da igualdade, e do respeito às instituições democráticas. Em matéria de igualdade de gênero, relatório elaborado pela ONU Mulheres em 2022 apontou a existência de grandes desafios envolvendo a inclusão socioeconômica das mulheres imigrantes e refugiadas sob o contexto da guerra da Ucrânia. A inteligência artificial e a tecnologia, mais uma vez, abririam uma porta de diagnóstico e adoção de medidas voltadas a políticas inclusivas e cooperativas.

No Brasil, o Protocolo Integrado de Prevenção e Medidas de Segurança, voltado à violência doméstica praticada em face de magistradas e servidoras se transformaria em Diretriz (número 8) estabelecida pela Corregedoria Nacional de Justiça. O desenvolvimento do sistema SERP, visando modernizar e simplificar os procedimentos relativos aos registros públicos de atos e negócios jurídicos, incorporou a exitosa campanha “Sinal Vermelho”, capitaneada pela Associação de Magistrados Brasileiros, sob a presidência de uma mulher.

E, por falar em arte, encerramos o ano com a notícia da morte do “Rei Pelé”. A essa altura, já fica mais factível identificar as similitudes entre este evento e o que ele representa no intenso ano de 2022. Fazendo do esporte uma arte, o atleta elevou o futebol a um espetáculo decodificador dos anseios de uma sociedade, ávida por novas estratégias e formas de expressão. Tal como a inteligência artificial, que funciona em sistema de erros e acertos, o atleta foi se amoldando às experiências e aprimorando suas técnicas. Como artista, não temeu ousar ou se afetou com eventuais intempéries. Como profissional, não hesitou em retroceder, analisar e ponderar o razoável em prol do coletivo, tal e qual o Direito, ao regular as novas relações postas.

Volta-se, por fim, ao calendário Maia que iniciou esta narrativa. Diz-se que o antigo povo, visionário, já indicava em seus cálculos um dia não contabilizado nos ciclos lunares. Era denominado de o “dia fora do tempo”, voltado à reflexão, à análise e à escolha do “legado” a impulsionar as ações do novo ciclo.

Talvez 2022 tenha sido o “ano fora do tempo”. Um tempo de balanços e de inovações, que mostrou que liberdades e contenções necessárias somente estarão em equilíbrio, se formos partícipes ativos nessa transição. Que entre as perdas e avanços, e entre o Direito, arte e tecnologia, o nosso senso de justiça nos impulsione em 2023 para um novo ciclo, cujo legado poderá ser único.

Seja bem-vinda, Esperança!

» VALDIR OLIVEIRA
Ex-secretário de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal

Hoje o dia nasce com a brisa da esperança batendo em nossa janela. Um ano que se inicia clareando a trilha de um novo governo. O acirramento político oriundo de uma polarização raivosa imposta por defensores de pautas conservadoras transformou a disputa eleitoral em um campo de batalha onde os adversários se transformaram em inimigos, causando fissuras traumáticas a nação. Mas toda essa fúria que foi exacerbada nesse período será neutralizada com a esperança de novos tempos.

Os dias depois do segundo turno da eleição presidencial foram marcados por manifestações antidemocráticas, algumas com tons violentos e até ações terroristas. Essa revolta cruenta já vem sendo alimentada há muito tempo, desde a imposição da criminalização da política e a desqualificação das instituições brasileiras, parte do movimento que culminou na eleição de 2018. Não era apenas um sentimento de revolta por não terem alcançado o resultado que queriam, e não era uma simples senha para um pedido de ruptura democrática. Era discurso explícito, com atos de atentados para causar a instabilidade democrática como parte de um jogo onde a força poderia ser usada para desrespeitar a democracia.

Temos um país onde dezenas de milhões de brasileiros estão passando fome, com as contas públicas em desequilíbrio fiscal, com grande número de desempregados e com a ameaça da inflação. Uma máquina pública desestruturada e políticas públicas que foram, no último

ano, direcionadas exclusivamente para fins eleitoreiros. Mais que uma reconstrução, o novo governo precisa fazer uma reflexão sobre o Brasil que os brasileiros querem. Estamos divididos e não podemos ignorar que os verdadeiros adversários precisam ser ouvidos.

Ser patriota não é vestir verde e amarelo e pedir intervenções antidemocráticas. Ser patriota é lutar para que nossos irmãos não passem fome. O patriotismo estará presente na luta por uma sociedade mais justa, onde o racismo, a homofobia e qualquer outro tipo inaceitável de preconceito seja banido da nossa sociedade. O patriota ama a sua pátria e com ela seus símbolos, seus valores e seu povo. Ser patriota é amar o povo brasileiro, seja ele de que ideologia for, no limite do respeito às diferenças e da proteção à vida. O verdadeiro patriota não usa de sua liberdade para defender o mal a alguém. Isso nunca foi e nunca será liberdade de expressão. O patriotismo que lutará por uma sociedade mais justa e inclusiva fará florescer a esperança nesse novo período brasileiro. E é ela que soprará o vento desses novos tempos de harmonia e reconstrução de uma nação com sequelas de uma guerra que afastou amigos, familiares e parceiros de vida.

Brasília é a capital da esperança. É aqui que se inicia um novo momento. Líderes que não celebrarão enquanto seu povo sofre, líderes que sentirão as dores de seus liderados, líderes que transformarão seu carisma no acolhimento dos que mais precisam. Brasília precisa ser um exemplo para o Brasil, onde o serviço

público funcione para todos, principalmente para aqueles que mais precisam, onde atender a sociedade seja o princípio básico do Estado, porque governo que não atende seu povo, não serve para ser governo. Uma cidade não se faz apenas de tijolo e cimento, mas de almas, de vidas. A prioridade de um líder deve ser as vidas que precisam do cuidado do Estado. Brasília deve ser a capital da esperança de um novo Brasil.

A raiva nunca foi uma boa conselheira. Foi assim que surgiu o Brasil do ódio. A inspiração para o Brasil que hoje se inicia é paz, amor e harmonia. Criticar o que está errado não pode ser o estopim de uma conspiração. Deve ser parte da construção. Somos todos imperfeitos e o novo governo não será diferente. Os erros devem ser mostrados para um aprendizado e para correção de rumos. Mas nada disso pode ser parte de um plano antidemocrático. Um governo precisa de oposição. É assim que se constrói um País democrático.

Seja bem-vindo o novo Brasil. Espera-se o equilíbrio e a paz entre os brasileiros. Os novos ventos que levam a esperança para o povo brasileiro partem de Brasília e a nossa expectativa é que voltem como bumerangue, trazendo para terras candangas a força do sonho de cada brasileiro por um País mais justo, sem preconceitos e sem fome. Que tenhamos líderes que vivam para servir, afinal quem não vive para servir, não serve para viver. Que Brasília seja um espelho para o novo Brasil. E que o novo Brasil seja inundado com a esperança de novos tempos. Seja bem-vinda esperança de um novo Brasil!